

OS INDESEJÁVEIS

RUBEM BRAGA

MAGALHAES Júnior contou outro dia uma história que eu conhecia há muito tempo, mas que tinha razões para não revelar: o cancelamento do visto norte-americano no passaporte de Armando d'Almeida. Evitei tocar nesse assunto porque também eu tive o visto americano negado. E se fôsse defender Almeida iria apenas prejudicá-lo, na minha qualidade de "mau elemento" ou "indesejável".

Indesejáveis, indesejáveis, qual o país que desejas? — perguntava há muito tempo o poeta. A mim qualquer país me diverte. E, como toda gente, desejo um país que não há, talvez um pouco parecido com o paraíso de Maomé, com algumas adaptações ao gosto capixaba. Como não pode ser, vou me aguentando por aqui mesmo; ganha-se pouco, mas é divertido.

Acho que já poderíamos fundar um bom clube de brasileiros indesejáveis nos Estados Unidos. Haveria nele alguns comunistas, alguns "piroquetes", muitos jornalistas e artistas de várias tonalidades e já agora, estreada por Armando d'Almeida, uma nova turma que parece se caracterizar pelo crime tremendo de ter relações de amizade com um general do Exército Brasileiro que não é simpático à Standard Oil Company of Brazil.

Como jornalista não me sinto nada diminuído em não poder entrar na América do Norte; mas, abstraindo a minha pessoa (que, de resto, é uma boa pessoa, de uma família decente de Cachoeiro) e levando em conta apenas a minha profissão, acho que os Estados Unidos, ou melhor, seu governo, é que fica diminuído em me negar o visto. Olhem lá que já trabalhei em umas dezenas de jornais e já fiz reportagem mais ou menos de tudo, desde festa de aniversário até guerra. Até entrevista com o sr. Plínio Salgado eu já fiz — embora ele seja capaz de não se lembrar, o ingrato. Jamais fui pilhado

em qualquer mentira ou infidelidade nessa função de repórter. E era nessa função que eu pretendia passar um mês nos Estados Unidos, ao mesmo tempo que matar saudades do Fernando e Heleninha que estavam lá e me animavam.

De lá iria para a França, que era o meu destino, mas aproveitaria a rápida estada em New York e Washington para fazer algumas entrevistas para um jornal do Rio — um jornal perfeitamente conservador.

Não deixaram. Fiquei desconfiadíssimo, e ainda estou. Deve haver alguma coisa de podre no reino da Coca-Cola, suspirei suspicaz. De outro modo não impediriam a entrada de um jornalista livre, que só tem de seu dois olhos, dois ouvidos e um nariz — e fora disso a máquina portátil (americana, por sinal) onde registra o que vê, ouve e fareja neste mundo vil.

Este é o meu caso; o de Almeida é mais espantoso. Diretor de uma agência de publicidade e de uma firma importadora, Almeida sempre lidou com americanos, sempre lutou — e nos momentos ruins, difíceis, perigosos — pelas boas relações do Brasil com os Estados Unidos. Conhecendo-o há uns 15 anos, sempre o vi entusiasmado com as coisas americanas, a técnica americana, a ética americana. Pois bastou que um calhorda qualquer da Standard Oil fôsse fazer fuchico na Embaixada pelo fato de Almeida ser amigo e admirador de um general que é partidário da nacionalização da indústria do petróleo — para que lhe cancelassem o visto já concedido!

Os numerosos amigos norte-americanos de Armando d'Almeida são os primeiros a reprovar essa mesquinha moral e intelectual do tipo das que deixam o Departamento de Estado sem qualquer autoridade para reclamar contra a falta de liberdade na Rússia, na Argentina ou na China. Mas a diplomacia dos "trusts" continua em sua doce tarefa de desacreditar no mundo inteiro a democracia americana. Que se divirtam. Eu é que já não vou lá, nem que a Lana Turner insista em me pedir. Quanto ao senhor presidente Truman, pode vir ao Rio à vontade; mas não tente transpor o portão do solar dos Braga, onde, lamento dizê-lo, é considerado "mau elemento" e "indesejável"...